

Itamar perde apoio no Congresso

■ Saída de Haddad atrai PMDB, PSDB e PT para discurso oposicionista do PDS

CHRISTIANE SAMARCO E
ILIMAR FRANCO

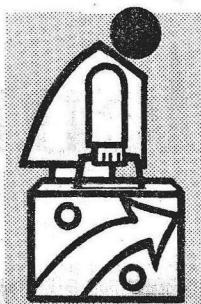
BRASÍLIA

— A luta-de-mel entre o presidente Itamar Franco e o Congresso Nacional acabou. Parlamentares do PMDB, do PSDB e do PT

bombardearam os líderes do governo na Câmara, Roberto Freire (PPS-PE), e no Senado, Pedro Simon (PMDB-RS), com o mesmo discurso: “Está rompida a unidade do *impeachment*.” O tratamento que o presidente dispensou ao ex-ministro Paulo Haddad e a forma de escolha de Eliseu Resende precipitou um sentimento oposicionista ostensivo ao governo e deu alento à formação de um grande partido de oposição ao Planalto articulado pelo PDS.

“Não acabamos com a República de Alagoas para cair na República da Mediocridade dos Amigos do presidente Itamar Franco”, bradou da tribuna da Câmara o deputado José Genoíno (PT-SP), para quem o país está sem rumo, e o governo “é um desastre para trabalhadores, partidos progressistas e instituições democráticas”. Enquanto Genoíno discursava, o coordenador da bancada do PMDB catarinense, Dejanir Dalpasqualle, que negocia com o Planalto o preenchimento de cargos federais em seu estado, dava depoimento surpreendente no plenário. “Não quero mais os cargos. Vou para a oposição, porque esse presidente parece criança.”

Defesa — A única voz que ocupou o microfone de apartes para defender a escolha do novo ministro foi a do mineiro Aloísio Vasconcelos (PMDB). Mas nem ele resistiu ao sentimento que predominou no Congresso: “O episódio Haddad arranhou a credibilidade do governo.” Prova disso foi o des-



Brasília — Josemar Gonçalves



José Genoíno: “O país está sem rumo, e o governo é um desastre”

dém do senador Ronan Tito (PMDB-MG), que se referiu ao ex-companheiro de Senado como “presidente de plantão”. O líder do governo no Senado não conseguia disfarçar o desalento. Indagado pela senadora Eva Blay (PSDB-SP) se a situação estava complicada, Simon respondeu: “E quando é que não está?”

“O presidente nomeou seu opositor e lhe deu munição”, avaliou o deputado Gustavo Krause (PFL-

PE). “O governador baiano Antônio Carlos Magalhães cresceu na briga com o governo”, comentou o prefeito de Vitória (ES), Paulo Hartung (PSDB), com o líder dos tucanos, senador Mário Covas (PSDB-SP), que emendou: “O episódio Haddad foi extremamente negativo e favoreceu a oposição”.

No salão verde, do lado de fora do plenário, o deputado Prisco Viana (PDS-BA) ironizava. “O Itamar foi o pior legado do Collor.”